

### **Margem esquerda**

Ó Alentejo dos pobres  
Reino da desolação  
Não sirvas quem te despreza  
É tua a tua nação

Não vás a terras alheias  
Lançar sementes de morte  
É na terra do teu pão  
Que se joga a tua sorte

Terra sangrenta de Serpa  
Terra morena de Moura  
Vilas de angústia em botão  
Dor cerrada em Baleizão

A foice dos teus ceifeiros  
Trago no peito gravada  
Ó minha terra vermelha  
Como bandeira sonhada

### **Primavera**

A Primavera vem dançando  
com os seus dedos de mistério e turquesa  
Vem vestida de meio dia e vem valsando  
entre os braços dum vento sem firmeza

Nu como a água o teu corpo quieto e ausente  
Só este inquieto esvoaçar do teu sorriso  
Loiro o rosto o olhar não sei se mente  
se de tão negro e parado é um aviso  
do destino que me fixa finalmente

Ai, a Primavera vai passando  
com os seus dedos de mistério e de turquesa  
Segue Primavera vai cantando  
Que será do nosso amor nesta praia de incerteza

### **Destino**

I  
Trago na fonte  
e estrela do fogo  
da minha revolta  
Nunca aceitaria qualquer tirania  
nem a do dinheiro  
nem a do mais justo ditador

nem a própria vida eu aceito...  
tal como ela é  
com todas as promessas  
do amor e da juventude  
e a parda doença  
de envelhecer  
a morte em cada dia  
antecipada

II

Na mais lóbrega alfurja  
ou na cama de folhas macias  
da floresta  
onde a chuva te adormeceu  
há sempre um diamante de sol  
cujos raios te penetram de  
ventura  
ao sonhares a palavra  
liberdade

III

Quando a terra poluída  
tiver sorvido  
toda a água dos lagos e das  
fontes  
hei-de levar o meu fantasma  
até ao porto sonoro  
onde a esperança cai a pique  
sobre o mar dos desejos sem limite

in "Horas de Vidro"